

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Filomena dos Anjos

registada em 2009-02-05
por

Susana Pires e Jenny Campos

Filomena dos Anjos

No dia 20 de Julho, na Benfeita, nasceu Filomena dos Anjos. Já com 100 anos recorda que o pai, José Albano andava pelos pinhais “para ganhar o pão para os filhos”. A mãe, Maria dos Anjos Rocha, trabalhava no campo. Era a irmã do meio de cinco irmãos e quando começou a trabalhar “foi a guardar dois meninos que a minha mãe tinha”. Quando os irmãos já estavam “desemburradinhos” foi guardar 18 cabeças de gado. Andou nas fazendas até se casar. Da sua casa recorda a fogueira que faziam em casa, “uma fogueira grande, arrumava-se tudo para o lado, tudo se aquecia”. Não foi à escola, porque os pais “aos filhos, os rapazes, deixava-os ir, as raparigas não porque elas não precisavam de aprender”. Conheceu o marido aos 20 anos, “o seu marido vai ser Manuel”, como lhe disse uma prima. Foi o primeiro rapaz que teve. O marido era caiador e foi para Lisboa, “ganhava lá o dinheiro e mandava para a Benfeita. Sabe Deus como ele lá passava.” De um casamento à moda da Benfeita, nasceram sete filhos.

Índice

Identificação Filomena dos Anjos.....	4
Ascendência Ganha pão dos cinco filhos.....	4
Infância Infância difícil.....	4
Casa Pequeninina e com buracos.....	6
Educação Meninas sem direito à escola.....	6
Religião Véu e sapatos emprestados.....	6
Costumes A carne, a broa, os doces e pouco tempo para festas.....	7
Namoro Sem vagar para namoros.....	9
Casamento Tempos maus.....	11
Lugar Benfeita, o bom viver.....	12

Identificação *Filomena dos Anjos*

O meu nome é Filomena dos Anjos. Nasci na Benfeita, no dia 20 de Julho faço 100 anos. Não sei dizer a data certa, não sei, porque já estou numa idade muito grande e o número não aprendi. A gente até era só o mês de Maio, o mês de Agosto, o mês assim, o mês assado. Agora já é de outra maneira.

Ascendência *Ganha pão dos cinco filhos*

O meu pai era José Albano. A minha mãe Maria dos Anjos Rocha.

O meu pai andava pelos pinhais, coitadinho. Para ganhar pão para os filhos. A serrar com uma serra. Aquele serviço duro. Não havia fábricas, não havia nada. Era à mão. Punha um pinheiro estendido, punham duas estacas à frente, chamavam uma burra. Um ia para cima do rolo da madeira que haviam de serrar e o outro era debaixo. Essa madeira era para ser utilizada nas casas, no chão, não havia cimentos, não havia nada. No meu tempo não havia cimento, não havia azulejos, nada. Era com umas tabuínhas em cima daquele terreno e é que se armava ali uma casinha para se viver.

Éramos cinco irmãos. Eu era a do meio. Era pequenita quando nasceram os meus irmãos mais novos, não sei que idade tinha. De maneira que quando eu comecei a trabalhar foi a guardar dois meninos que a minha mãe tinha, até uma certa idade. Depois agarraram num pauzinho, puseram-me na mão, quando eles já estavam desemburradinhos para brincarem "pia fora"¹, deram-me um pau para eu guardar 18 cabeças de gado. Aí vou eu, coitadinha, descalcinha em cima daquelas silvas, daquilo tudo, andava ali aquela pecante com aquele rebanho de gado, pelo monte fora.

Infância *Infância difícil*

Ama dos irmãos

A minha mãe levava os meus irmãos para a fazenda, numa cestinha. Arranjava uma saquita, uma coisa qualquer para os deitar, com uma palhinha,

¹por aí fora

e tapava. Sempre limpinhos, está certo. Mas criados naquela coisa da terra. A gente andava a sachar aqui numa lavoura, de dois ou três ou quatro pessoas e o menino à nossa frente. Mas a minha mãe queria sempre que eu estivesse ao pé do menino porque uma ocasião estava ela a lavar, na ribeira, e estava ao pé, quando foram a ver estava uma cobra a querer ir para a cesta. Já estava pendurada para ir para a criança. E depois os pequenos quando são pequenos estão no parque, sempre fazem barulho e o bicho, é claro, vai-se embora. Mas a minha mãe, nessa altura, não me tinha lá, mas depois pôs-me. E andava sempre à beira deles, para saber como é que se passava, era a guardar-me a mim e eu a guardar a eles.

De sachola ao lado dos homens

E assim andei naquelas fazendas até os 19 anos, foi até me casar. Fui ali criada. A fazenda era de renda, não era nossa, arrendámos aquilo por um tanto, por exemplo, tínhamos que dar 20 ou 30 alqueires, ou assim, o que a gente destinava. Chegava aquela altura da colheita, o primeiro milho que se media era para o dono. Quantas vezes, e quantas vezes, já na minha vida, depois de casada eu varri os fardos, ao punhado, para dar para os donos e a gente ficava sem nada.

Tinha de sachar, semear, regar, apanhar, colher e dava aos patrões aquilo para viver. Era uma vida dura. Depois, fui crescendo, fui para a lavoura. Eu agarrava num ancinho ao lado dos homens, agarrava numa enxada, conforme era o trabalho, andava ao lado dos homens. Agarrava uma sachola para sachar, andava ao lado de todos. Foi assim a minha vida.

Descalça ou de tamancas

Andei sempre descalça. Os meus pés nem tinham unhas. Dava uma topada, pumba, criava, andava a sofrer. Queria andar depressa, de maneira que os pezitos é que pagavam. Tenho as unhas dos pés todas amarrotadas, assim mal-ajeitadas. Já no fim de ser mulher, havia aí padeiros, havia aí umas três padarias. Essas terras agora não é nada para o que era, havia aí de tudo. Eu ia levar pão a Fajão, lá para a terra, eu ia a Moura, eu ia a todo o lado da freguesia, levar pão. Coitadinha de mim, um dia, começou a nevar, levava umas tamanquitas, por cima um bocadinho de sola e pau por baixo. Mas a neve assapava-se no pau e eu queria andar e não podia, tive de me descalçar para ir para a Moura. Andar na neve. A minha vida foi muito cruel. Foi mesmo má.

Casa Pequeninina e com buracos

A casa onde eu nasci era pequeninina, não era grande. Agora está grande. Coitadinha, era casa de pobre. Até tinha uns buracos grandes, punham umas coisas para tapar os buracos. Era só um andar e lojas por baixo. A loja era para os animais, que eles não andavam na rua. Tinham uma casinha também. Tinha um quartito para os meus pais dormirem, outro para a gente dormir, uma salinha para a gente comer e a cozinha. Mas tudo pequeninino. Assim como a minha, é um poleirito.

Fazia-se uma fogueira grande, arrumava-se tudo para o lado, tudo se aquecia. Lá num certo sítio punham uma pedra das meeiras, fortes, e depois era calçada, e ali era a cozinha, fazia-se uma fogueira grande. O comer fazia-se na cozinha, com as panelas de ferro de três pernas. Ainda hoje tenho pena de uma que se furou, era pequeninina, já sabia a medida para fazer o comer.

Eu fome nunca passei. O comer a gente arranjava nas fazendas. As outras coisas era muito pouco. Havia pouco. Depois, mais tarde, já eu tinha os meus filhos, era tudo racionado. Eram uns coisitos de açúcar, às vezes, nem para o café dava. Era com o que a gente temperava o café para os miúdos e alguma coisa que a gente comia assim. Doces não se comiam. Era só o que a gente arranjava do nosso braço. Foi uma tristeza muito grande.

A minha mãe fazia sempre a sopinha. Criávamos um porco e chegámos a ponto de criar dois! O meu pai ia-os buscar pequenininhos e a gente criava-o com abóboras e coisas que a gente tinha na fazenda. Era tudo da fazenda. Mas era carne de trás da orelha.

Educação Meninas sem direito à escola

Nunca fui à escola. Naquele tempo, havia uma escola. Havia anos, no último ano que eu deixei de andar com o gado, os meninos foram para a lavoura, abriu a escola. Eu dei muito aos senhores doutores e às doutoras para ensinar os meus filhos. Os meus pais, nesse tempo, agradeciam aos doutores, aos professores para a gente não ir para a escola. Aos filhos, os rapazes, deixava-os ir, as raparigas não, porque elas não precisavam de aprender então nós não aprendemos. Era mania da pessoa, do pai e da mãe, que elas não precisavam de escrever. Então os meus irmãos fizeram exame. Nós que éramos três raparigas não. Não tivemos nada.

Religião *Véu e sapatos emprestados*

Eu sabia a doutrina toda, hoje é que já perdi tudo, com a vida, com os filhos, com tudo. Eu lembra-me tanto, mas se for para dizer não sei. Não posso dizer. Perdi a maior parte. Sabia a doutrina toda de cabeça. Quem me ensinou foi a minha avó, a mãe da minha mãe e havia aí uma senhora que ensinava. A gente vinha tarde da fazenda e o meu pai disse assim para a minha avó:

- "Olhe, você podia ensinar a doutrina à sua neta. A gente vem de noite, e depois estão a dizer a doutrina e ela não assiste a tudo e não é bom. Eu pago-lhe o que você quiser. Diga-me quanto quer para a ensinar."

- "Ah manda-a cá, manda-a cá."

E eu lá ia todos os dias, coitadinha de mim, lá aprendi. Depois o padre aceitou, já sabia a doutrina, pronto. Fiz a Primeira Comunhão. Fui com um véu emprestado, não tinha sapatos, foram emprestados. Foi uma vizinha que me emprestou. E o vestido foi uma tia minha, estava na Cerdeira a servir. E ela pôs uma saia que tinha lá nova, só tinha vestido uma vez, desmanchou-a e disse para a minha mãe:

- "Olha Maria, faz um vestidinho daqui para a menina ir comungar."

E assim fui, com a graça do Senhor, e ainda aqui estou.

Costumes *A carne, a broa, os doces e pouco tempo para festas*

Enchido que se podia comer

O dia da matança, a gente matava o porco. Falava a um homem que vinha matar, depois pagava-se. Não era de graça. Era de troca. Ele ia fazer esse serviço à gente, amanhã ia a gente fazer a ele. Era uma troca que a gente fazia. Isso era assim que a gente vivia. Trabalhávamos hoje para aquela, amanhã trabalhávamos para o outro, conforme o trabalho a gente pagava. Fazia chouriças e a carne era metida numa salmoeira, uma arca, pode-se dizer uma arca. Ali tapadinha, mas bem salgadinha. Pelo meio era uma coisa que se botava por cima das tábuas, era uma estrumada de sal. Depois assentava-se os presuntos e as pás e a outra carne miúda punha-se naqueles buraquinhos bem tapadinho com sal. Depois, mais tarde, começou a estragar-se, não sei o que é que veio, ainda houve um ano que se estragou também a mim. Tive de enterrar aquilo tudo. As chouriças a gente migava aquela carne miudinha e depois era temperada com sal, salsa e

pimentão-doce, aquelas que levavam. Aquelas que não levavam, levavam sangue do próprio porco. Eu fazia o enchido que depois se podia comer.

Saudades da broa

Cozíamos a broa, a gente semeava o milho, cavava a terra, sachava-o, regava-o, apanhava-o, ia moê-lo e cozia-o. No dia de cozer a broa, fazia um bolo de cebola, bem miudinha, com uma postinha de bacalhau desfeita, com um bocadinho de azeite ou nada, era a nossa vida. Ainda hoje sinto saudades. Eu dessas comidas que agora ando a comer, é só porque vou fazer pela minha mão, ainda hoje a faço, a sopinha pela minha mão, faço ao domingo para comer, todos os dias, à noite. Todos os dias como uma tigelinha pequenina de sopa. Faço ao sábado ou ao domingo.

A broa a gente peneirava com uma peneira. Peneirava-a, depois a água era morna. A gente botava-lhe água e com as mãos mexia, mexia, mexia, a massa ficava balofa. Depois a gente tapava-a, chamávamos aquilo uma gamela. Ela depois abria toda, tapava-se com farinha, fazia-se uma cruzinha, e depois ia para o forno, aquecia o forno e quando ia ver a broa já estava a abrir. A cruz era para Nosso Senhor a acrescentar, para nos dar muita. A gente com Deus tudo, sem Deus nada. Deus Nosso Senhor é que nos dá tudo. Eu deitei muita broa e tendi. Punha um pano, no rabo da pá, no pau. Tendia e punha lá para dentro. Quem cá dera um bocadinho dessa broa.

Bem espichadinhos

Para fazer coscoréis, a gente arranja dez ovos, bate-os, bem batidos antes de botar para a farinha. Com um garfo batia, batia, até estarem bem batidinhos. Depois bota para dentro da farinha, bota um bocadinho de fermento de padeiro, mexe bem mexidinho. Mas para ficarem boas não podem ficar muito rijas. Porque se ficarem muito rijas não espicham tão bem e nem ficam fofos. Deixa-se a massa lentazinha, nem a correr, nem muito rija. Depois bota o azeitinho ou óleo dentro de uma caldeirinha. Eu fazia dentro de uma caldeira, mas é um tacho ou uma coisa qualquer. Pega-se num bocadinho de massa, espicha-se bem espichadinha. Põe-se um bocadinho, quando aquilo está a abrir tudo, eles até dançam. Começam a crescer, a crescer.

A carne pelas festas

As festas da Benfeita são à Nossa Senhora da Assunção mas eu pouco as aproveitei. Não me deixavam. E depois de casada tinha a minha vida e também não podia fazer. Pouco tempo lá estava, uma ou duas horas. A gente vínhamos já de noite. A minha mãe chegava a casa, já lá estava a família das Deflores, para comerem, para estarem para o arraial e a minha mãe sem ter nada feito. Nem tinha um pingo de leite, naquela altura, para fazer um bocadinho de arroz-doce. A carne, o meu pai, lá matava todos os anos uma borreguita ou um borrego, tudo criado. Era a nossa festa.

Namoro *Sem vagar para namoros*

Quando conheci o meu marido eu já tinha 20 anos. Diz assim uma prima minha:

- "Olhe o seu marido vai ser Manuel."

- O meu marido vai ser Manuel? Olha calha bem, nem cá há Manuel nenhum na terra, e eu rapaz de fora também não conheço nenhum.

Tinha 20 anos e ele foi o primeiro rapaz que eu tive. Eu não tinha vagar para andar nas festas, a mim não me davam vagar para isso. Então, os rapazes não me viam. Eles viam mas tinham medo do meu pai. Mas bem, o que calhou cá veio. Um dia, andava a semear umas batatas, ele veio de Lisboa, mas eu já nem me lembrava aquele rapaz, a mãe morreu tinha ele 3 anos, e coitadinho, depois um primo levou-o para Lisboa, lá o acabou de criar, e depois andava nas obras com ele. Ele veio, ia no caminho, andava eu a semear batatas e pôs o pé em cima de uma travessa e diz ele:

- "Boa tarde!"

- Boa tarde!

Parece-me que nem sequer olhei para ele. Foi assim uma coisa. Sabia que existia um rapaz naquela casa, de pequenino. No ano em que eu nasci foi o ano que morreu a mãe dele, ele já tinha 3 anos e meio ou 4 a mais que eu. E ele disse assim:

- "Arre, que tu nem ao menos olhas para mim!"

- Então não tenho nada de olhar. Para o meu serviço é que eu tenho que olhar.

E diz ele assim:

- "Então estás boa?"

Lá nos cumprimentámos. Mas não liguei. Diz ele assim:

- "Que raça! Olha que pareces de outro reino, nem olhas para as pessoas, nem nada!"

- Olhe é como lhe digo, tenho de fazer a minha vida!

Não liguei. E o rapaz foi-se embora para Lisboa. Encontrou algumas pessoas da minha família e disse-lhes que engraçava, que assim e que assado. Bem, eu não liguei nada. Quando deu-se o caso daí por pouco tempo, vem outra vez à Benfeita, foi no tempo das castanhas. Foi meter à fazenda onde a gente fazia e diz lá:

- "Olhe, venho aqui para fazer o magusto com vocês."

Ia mais uma rapariga e um rapaz. Já morreram esses dois. Eram um irmão e uma irmã. Mas não eram irmãos dele. E digo eu assim:

- Ai eu não tenho vagar.

- "Que raio, esta mulher nunca tem vagar de nada!"

E eu tinha era medo do meu pai.

- "Bem, vamos fazer o magusto todos."

- Olha, vocês vão com Deus.

A rapariga chamava-se Palmira.

- Olha, Palmira, eu não posso, que tenho de ir arrecadar aquela lenha toda que está ali para o curral porque pode chover e depois é um caso sério. E tu sabes como é o meu pai.

Foram todos, três que vieram, e três irmãos que estávamos em casa arrecadámos a lenha. No fim da lenha, fomos todos apanhar as castanhas. Fizéramos o magusto, ele avisou os meus pais do magusto, quando vim de lá já era o genro do tio Zé Albano, que o meu pai chamava-se Zé Albano. Bem, aquilo pegou. Dentro de um mês e meio casáramos porque, um dia, estava o meu pai a fazer a barba, vem um outro cliente qualquer e disse assim:

- "Ai não sei, a tua filha anda para casar com o fulano, mas olha que ele só quer casar à moda de Lisboa."

Bem, ele veio para casa, eu já estava deitada, mas ele começou a conversar com a minha mãe:

- "Não sei o que a rapariga anda a fazer, porque o rapaz só quer casar à moda de Lisboa, não sei o que ela anda a fazer, qualquer dia agarro num burrito que arrume com os dois."

Chega ao outro dia, digo assim para o meu marido:

- Derivado ao que a gente tem combinado, nada feito.

Ele ia-me caindo aos pés. Ia-me caindo aos pés. Ficou branquinho de todo. E depois eu vim a gostar dele. E diz ele assim:

- "Porquê?"

- Por isto, disseram ao meu pai na barbearia que tu só te queres casar à moda de Lisboa, e eu não sei que moda é. Então se queres casar à moda da Benfeita, vais falar com o padre e vamos casar.

Casamento *Tempos maus*

"Amigos um do outro"

Fui casada, tive sete filhos. Éramos amigos um do outro, muito amigos. No princípio houvera tempos muito maus, quando a gente se casou, nem arranjávamos para a rendita da casa. Pagava-se dez tostões, nem para isso tinha. Tinha de ir o meu marido esgalhar os pinheiros, subia ao pinheiro para o esgalhar, para trazer para uma mulher que cozia aí a broa, para quem não a podia cozer, para poder arranjar dinheiro para pagar a renda. Ai, passei tempos duros.

Também era caiador, botava cal na parede. Aprendeu em Lisboa, e ainda lá esteve depois de casado para ganhar alguma coisa para a vida. Então ganhava lá o dinheiro e mandava para a Benfeita. Sabe Deus como ele lá passava. Eu nunca fui a Lisboa com ele na vida. Já tenho ido muita vez com os filhos, tenho ido passear com eles.

Casamento à pobre

O meu marido chamava-se Manuel Agostinho. No dia do casamento ia, coitadinha, pobrezinha. Mas casei como as outras. O vestido era cinzento, com uma echarpezinha também cinzenta. O meu marido ia com um fatinho preto. Tudo à pobre.

O almoço foi chanfana, o meu pai matou duas reses boas, duas reses do curral. Foi chanfana, foi carne de porco, foi arroz-doce, salada, o que se pôde arranjar. Coscoréis compridos. Parece que ainda fazia. Ainda os espichava.

Tal avó, tal neta

Os meus filhos nasceram todos em casa. Coitadinha de mim. A tal minha avó que me ensinou a doutrina amparava as filhas. Lavava-os e preparava-os. E eu, depois é que fui parteira de alguns três ou quatro, porque estava na aldeia uma rapariga nova e não queria ir para Coimbra, e depois:

- "Vou chamar a tia Filomena, vou chamar a tia Filomena."

Bem mas chamaram o doutor pelo meio. E como chamaram o doutor, eu não queria ir, porque eu não era parteira nenhuma. Ninguém me dava nada, nem eu pedia. Depois o médico não vinha, foi chamado às seis da manhã, eram seis da noite e sem ele aparecer, e ela coitadinha reclamava:

- "Ó tia Filomena acuda-me, acuda-me!"

O menino vinha à superfície mas não tinha força verdadeira. Dei uma ferroadita no véu, com uma unha, uma coisinha de nada, ela deu outro "puxo", veio logo o menino. Pois, se não fosse assim, não vinha. Não vinha sem vir um médico. Eu nunca tinha feito tal coisa, só tinha visto fazer a minha avó aos meus irmãos, muito fiz eu.

Trapinhos secos à fogueira

Primeiro, as fraldas eram as saias que a gente tinha. Rasgávamos pela bainha, pelas costuras, pumba, aí estava uma fralda. Fosse de que qualidade fosse. Eu criei os meus filhos assim, não me envergonho de dizer, naquele tempo, ninguém dava nada e a gente não tinha. Quando era nesse tempo, eu tinha sete filhos. Era o meu marido de um lado e eu do outro, por exemplo, uma fogueira grande e eu pegava numa ponta e ele noutra e assim enxugávamos os trapinhos para botar de noite ao pequeno. Aquilo não eram fraldas, eram trapitos. Foi um tempo amargado.

Lugar Benfeita, o bom viver

A Benfeita era muito diferente antigamente do que é hoje. Havia de tudo, havia ferreiros, sapateiros, carpinteiros, padeiros, mas mais do que um. Isto tudo foi embora. Não sei que sumiço levou essa gente.

Não tinha luz, nem estradas, não havia estradas nenhuma. A estrada já veio depois de eu casada e já um tempo. De resto não havia nada. Também não andávamos de noite pela rua. De dia chegava bem para a gente trabalhar. Em casa era uma candeiazita de azeite ou um candeeirito pequenito de petróleo. Era tudo uma miséria.

Primeiro a Benfeita era Valverde, diziam no tempo que eu me criei, já não foi agora. A Benfeita chamava-se Valverde mas como fizeram a Capela de Santa Rita, vieram cá umas pessoas:

- "Olha bem feita!"

Vieram cá umas pessoas, não sei de onde, eu era pequena não sei. E disseram assim:

- "Olha bem feita!"

E, nessa altura, deixaram de se ter Valverde e começou Benfeita, Benfeita, Benfeita.

O que mais gosto na Benfeita é do bom viver, de uma boa harmonia, dar-me bem com toda a gente, é a coisa melhor que a gente pode ter.